

A professora Maria Fernanda Estrela encontra-se esta semana em Macau para uma conferência dedicada ao tema “Dificuldades de Aprendizagem Específicas – Dislexia, Intervenção Pedagógica”. O evento acontece a partir das 18h30, na quarta-feira, 17 de Abril, a convite da Fundação Rui Cunha.

CLÁUDIA ARANDA
CLAUDIA.ARANDA.PONTOFINAL@GMAIL.COM

A Fundação Rui Cunha organiza esta quarta-feira, às 18h30, a conferência “Dificuldades de Aprendizagem Específicas – Dislexia, Intervenção Pedagógica” orientada por Maria Fernanda Estrela, professora de Educação Especial, em Portugal. “O tema da conversa será sobre as causas e as dificuldades de aprendizagem específicas e, no fundo, as consequências que é aquilo que o professor encontra no dia-a-dia na sala de aula. E, depois, algumas dicas de intervenção, o que é que o professor pode fazer para minimizar e ajudar essas crianças a superarem essas dificuldades”, explicou ao PONTO FINAL a professora Maria Fernanda Estrela.

Pais, encarregados de educação, professores e terapeutas são o público-alvo deste encontro, aberto a todos, dada a abordagem didáctica e pedagógica do tema pela professora, Mestre em Ciências da Educação, na vertente de Educação Especial, com uma tese sobre “A Inter-relação Dislexia e Formação de Professores”.

Ao PONTO FINAL, a também representante da Associação Portuguesa de Dislexia – Dislex, sublinha que a dislexia “é uma disfunção a nível cerebral que depois lhes provoca a dificuldade”, sendo que hoje “cada vez mais cedo nós conseguimos detectar a dislexia e, quanto mais cedo

Conferência: A intervenção precoce na dislexia, que afecta em cada 10 pessoas no mundo



nós conseguirmos diagnosticar, mais fácil é actuar e conseguir superar as dificuldades, porque quanto mais tarde, mais tempo demora a superar as dificuldades”.

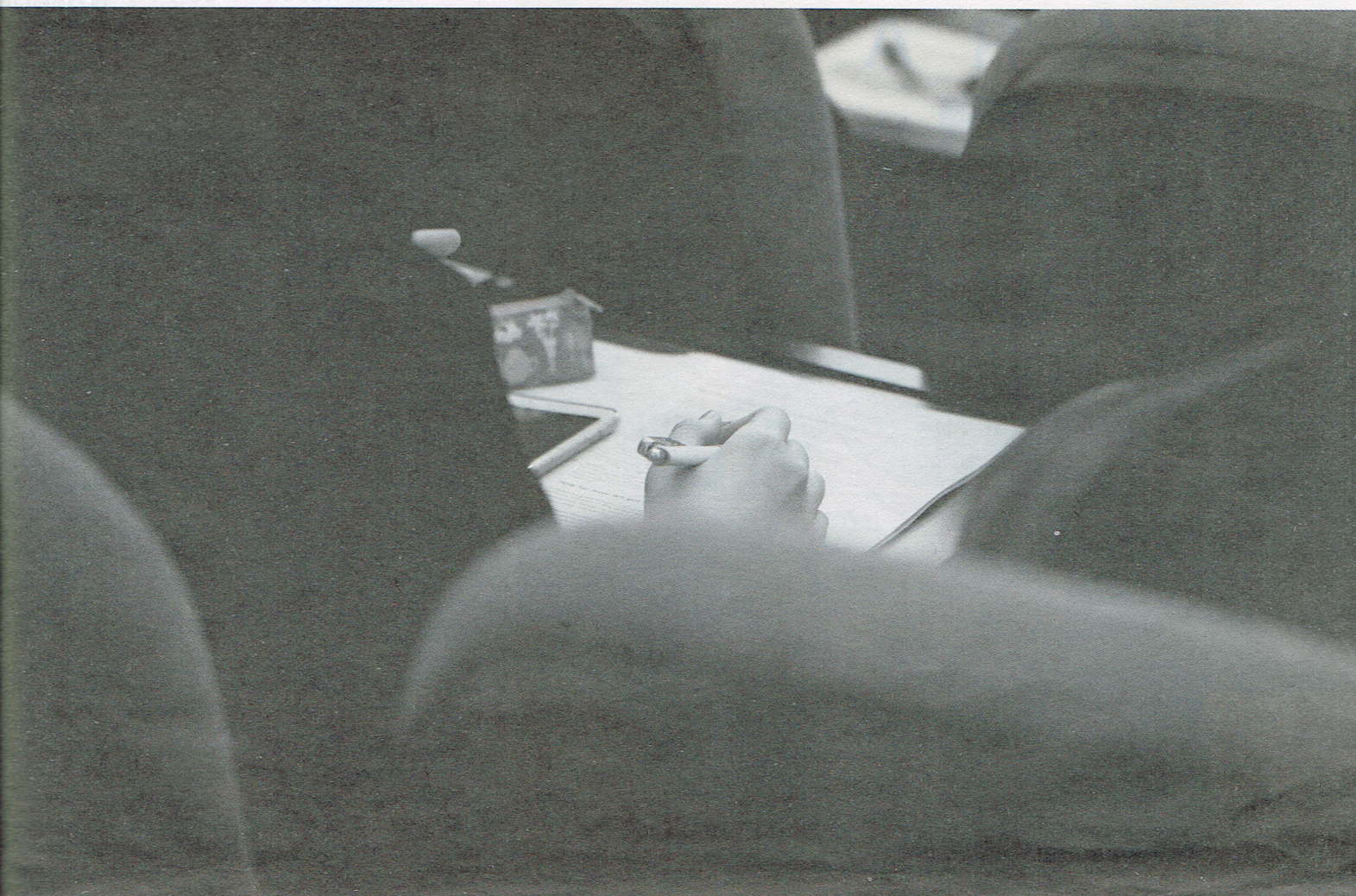
A professora aborda os casos em que o diagnóstico é realizado na escola, pelos professores. “Nós conseguimos ver no primeiro ano e na pré-primária algumas competências que não estarão bem definidas e conseguimos ver se, no final do primeiro ano, estas crianças apresentam grandes dificuldades a aprender a ler, não conseguem memorizar as letras, trocam-nas, então aí devemos estar alerta porque logo a seguir

vamos conseguir diagnosticar o problema”, disse.

Maria Fernanda Estrela conta que há cinco anos que trabalha com crianças disléxicas do 5º ao 9º ano de escolaridade, no Agrupamento de Escolas Rainha Santa Isabel de Leiria. “No meu agrupamento só trabalho com crianças disléxicas. São muitas, pelo que dividimos por grupos e anos de escolaridade, e tento coordenar com o que eles estão a fazer nas aulas de português, arranjando-lhes trabalho para aperfeiçoar as competências mais fracas, para desenvolver a atenção, memória, percepção visual”, explicou.

Pelo menos uma em cada dez pessoas sofre de dislexia, colocando em risco 700 milhões de crianças em todo o mundo em risco de analfabetismo e exclusão social. A vida, indica a organização Dislexia International. Esta organização refere que diversas pesquisas demonstram que, quando as crianças são treinadas na intervenção precoce, 90% das crianças podem aprender numa sala de aula regular. A Associação Portuguesa de Dislexia – Dislex, indica que por cento da população sofre desta perturbação.

Conferência: A intervenção precoce na dislexia, que afecta 1 em cada 10 pessoas no mundo



Nós conseguirmos diagnosticar, mais fácil é actuar e conseguir superar as dificuldades, porque quanto mais tarde, mais tempo demora a superar as dificuldades”.

A professora aborda os casos em que o diagnóstico é realizado na escola, pelos professores. “Nós conseguimos ver no primeiro ano e na pré-primária algumas competências que não estarão bem definidas e conseguimos ver se, no final do primeiro ano, estas crianças apresentam grandes dificuldades a aprender a ler, não conseguem memorizar as letras, trocam-nas, então aí devemos estar alerta porque logo a seguir

vamos conseguir diagnosticar o problema”, disse.

Maria Fernanda Estrela conta que há cinco anos que trabalha com crianças disléxicas do 5º ao 9º ano de escolaridade, no Agrupamento de Escolas Rainha Santa Isabel de Leiria. “No meu agrupamento só trabalho com crianças disléxicas. São muitas, pelo que dividimos por grupos e anos de escolaridade, e tento coordenar com o que eles estão a fazer nas aulas de português, arranjando-lhes trabalho para aperfeiçoar as competências mais fracas, para desenvolver a atenção, memória, percepção visual”, explicou.

Pelo menos uma em cada 10 pessoas sofre de dislexia, colocando mais de 700 milhões de crianças e adultos em todo o mundo em risco de analfabetismo e exclusão social ao longo da vida, indica a organização Dyslexia International. Esta mesma entidade refere que diversas pesquisas demonstram que, quando os professores são treinados na identificação e intervenção precoce da dislexia, 90% das crianças podem ser ensinadas numa sala de aula inclusiva regular. A Associação Portuguesa de Dislexia – Dislex, indica que cinco por cento da população em Portugal sofre desta perturbação de aprendi-

zagem específica.

Sabe-se que os alunos disléxicos tendem a exibir um quadro de dificuldades em domínios específicos variáveis de caso para caso. A certa altura do seu percurso, podem revelar reduzida motivação e empenho pelas atividades que impliquem a mobilização de competências de leitura e escrita, o que vai aumentar as dificuldades escolares. Podem mesmo recusar-se a participar nas atividades, por medo de se expor, ou apresentar sintomatologia ansiosa reflectindo insegurança, medo, tristeza, em resultado do sucessivo e generalizado insucesso.